

JOÃOZITO, O MÍSTICO LEITOR E O LEITOR MÍSTICO: PELOS CADERNOS DA BIBLIOTECA DE BABEL

“Há qualquer coisa no ar
além dos aviões da Panair...”
(Apporelly)

“Esta vida está cheia de ocultos caminhos.
Se o senhor souber, sabe;
não sabendo, não me entenderá.”
(Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

“Sou místico, pelo menos acho que sou” (Rosa, 2006, p.92), revelou João Guimarães Rosa, certa vez, numa entrevista – ou conversa, como preferiu nomear o já então famoso escritor brasileiro e de reconhecida aversão a entrevistas – cedida a Günter Lorenz, em janeiro de 1965, durante o *Congresso de Escritores Latino-Americanos*, realizado em Gênova. Essa afirmação sobre seu misticismo não foi a única. Em diversos momentos da sua vida, Rosa – ou como era chamado pela família e amigos íntimos, Joãozinho – em entrevistas e conversas íntimas, não escondia o seu lado místico, suas crenças no Infinito e no transcendental. Deixava claro que estes sempre estiveram presentes em sua vida e em sua arte. E a marca era tão profunda em sua vida, que num dos capítulos de *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*, sua filha mais velha, Vilma Guimarães Rosa, lembra desse lado místico e supersticioso como parte do seu cotidiano e preocupações:

Ele sempre me avisava para acautelar-me contra os maus fluidos. Dizia que as pessoas, as casas e as cidades possuíam fluidos positivos ou negativos, que decididamente influíam nas emoções, sentimentos e saúde dos seres humanos e dos animais. Ele achava que nos éramos sensitivos e não nos seria difícil apreender um fluido perigoso. Aconselhava-me a fugir de toda pessoa ou lugar que me causassem mal-estar. Continuo seguindo o seu conselho. (...) Papai tinha horror ao “olho grande” (...) Ensinou-me rezas e “simpatias” para defender-me. Aconselhava-me a não encher a casa de pessoas, para que não houvesse “o conflito dos fluidos”. (Rosa, Vilma, p.345-6)

Pode-se pensar que, dada as datas das cartas e entrevistas cedidas em que o misticismo é abordado, essa busca tenha apenas começado de fato a partir de 1958, quando se iniciaram seus distúrbios cardiovasculares. Período este difícil

para Joãozito, em que de fato eram precisos muitos cuidados e apoio, como ele relata numa carta ao pai Floduardo, enviada em 11 de junho de 1959. Nela ele procura mostrar o que aprendera com seus estudos místicos e como estes estavam ajudando-o. Fala da doença que teve, sua melhora e que o mais importante é não dar tanto valor “às contrariedades da vida, que nunca faltam”, achando mais importante seguir uma filosofia de só se ligar ao que é verdadeiramente sério ou significativo:

(...) a serenidade, a paz de espírito, a despreocupação. Afinal de contas, o que vale, real, é a graça de Deus é a salvação da alma. O resto é bobagem. (...) Rezar é o que importa. Como o Sr. [sic] está vendo, coloco o centro da vida na religião. Com isso, consigo despreocupar-me, e evito que a pressão arterial suba demais. (Rosa, Vilma, p.228)

Sua fé e otimismo não vieram apenas com os problemas de saúde. Elas já o acompanhavam há anos. Numa carta datada de 16 de maio de 1938, também destinada ao pai, podemos notar os indícios do seu envolvimento com o mundo extra-físico e suas preocupações: “Creio mesmo que só obtêm êxito na vida as pessoas que contam com um auxílio sobrenatural e que a ele recorrem com fé.”(Rosa, Vilma, p.175). Ao ler as cartas aos pais, algumas em que eram enviados juntamente santinhos, conclui-se que foi no berço da própria família que ele teve o primeiro forte e significativo contato espiritual. Teria sofrido, desde cedo, influências do Catolicismo, passadas por figuras como a da bisavó Chiquitinha e do professor e amigo frei Canísio Zoetmulder, e do misticismo do interior de Minas Gerais, aprendido através das histórias contadas pelo pai e pelos freqüentadores da venda deste – o que é bem representado nos seus livros. Anos mais tarde, esse aprendizado teria sido reforçado e encorajado por leituras de caráter espiritualista – estas já por conta própria ou por indicação de algum amigo.

Na dificuldade ou na alegria, a relação de Joãozito com o misticismo⁶ sempre foi de intimidade, o que gerou um casamento que também repercutiu na

⁶ A palavra misticismo vem do grego μυστικός - *mystikós* - latim *mysticu*. A base do termo vem do grego μύω, que significa esconder. A primeira vez que a palavra místico teria sido empregada foi nos escritos atribuídos a Dionysius, o Aeropagite, no final do século V. Acredita-se que Dionysius, ou Pseudo-Dionísio, como também era conhecido por causa da dubiedade de sua identidade real, foi o autor de *Corpus Areopagiticum*. Obra esta dividida em quatro tratados e dez cartas, que apresentam a hierarquia celeste formada por anjos, a divindade de Jesus e de sua encarnação, as trevas divinas, o simbolismo das escrituras, os nomes atribuídos a Deus nas Escrituras e sobre sua superioridade até mesmo acima do divino e do bem. Ainda descrevem e interpretam a liturgia eclesiástica e referem-se ao conhecimento místico e a crítica a alguns

arte e que durará até o fim da sua vida e da sua obra. Foram anos de bodas, começadas cedo como ele mesmo relata numa das cartas enviadas a Paulo Dantas (1957-1965):

Tenho de segredar que – embora por formação ou índole oponha escrúpulo crítico a fenômenos paranormais e em princípio rechace a experimentação metapsíquica – minha vida sempre e cedo se teceu de sutil gênero de fatos. Sonhos premonitórios, telepatia, intuições, séries encadeadas fortuitas, toda a sorte de avisos e pressentimentos. Dadas vezes, a chance de topar, sem busca, pessoas, coisas e informações urgentemente necessárias. (Rosa, 2006, p.92)

Antes mesmo de chegar à idade adulta, Joãozito era visto pelos familiares e amigos como alguém espiritualizado, talvez um futuro padre. Na carta-prefácio de Vilma Guimarães Rosa para seu tio-avô Vicente Guimarães, para a publicação do livro *Joãozito: A infância de João Guimarães Rosa*, ela relembra uma das brincadeiras de infância do “papai-beleza”: “Padrezinho recitador de um latim precocemente aprendido, celebrando missas-faz-de-conta, mas já solenes porque existia uma espiritualidade luminosa em sua alma.” (Guimarães, p.11). Brincadeira esta, segundo nos conta Vicente Guimarães, pode ter sido influenciada pela convivência extrema com o frei Canísio:

Joãozito foi companheiro diário do frade franciscano. Dessa influência, ou porque de gosto próprio, brincava de padre imitar, compenetrado, celebrando missa cotidianamente. Pouco tempo houve esse costume, repetido depois em Belo Horizonte, onde foi coroinha dos padres redentoristas, na igreja de São José. Armava altar de caixote na varanda, forrados com toalha alvalinho, da mamãe, do enxoval do casamento ainda. Servia de missal um livro grosso, o “Gofiné”, que trazia metade das páginas escritas em latim e a outra traduzida em português. Da Vó Chiquitinha, bisavó de Joãozito, era o livro, nunca emprestado a pessoas outras, guardado sempre com carinho e zelo. Dele ciúmes tinha a proprietária, mas arriscava a sua conservação, tão vigiada, em benefício da afirmação vocacional de sacerdócio que parecia surgir apreciável, com direito a estimulável diligência, o que, concreto, seria muito em honra e glória para a família. A missa era sacristada por sua irmã Maria Luísa. O “Padre Joãozito” paramentava-se como podia, com panos de cores, e lia do livro a parte em latim, esforçando-se para dar maior autenticidade ao ato. (A missa ainda não se usava celebrá-la em vernáculo.) (Guimarães, p.41)

sofistas. Para Dyonisius, o misticismo estava atrelado a uma teoria religiosa que via Deus como transcendente, isto é, além da razão, do intelecto ou de qualquer espécie de processamento mental. O termo misticismo ainda passou por diversas modificações ao longo dos tempos. No período Helênico, por exemplo, estava associado aos rituais dos Mistérios. Nos primeiros anos do Cristianismo o misticismo estava associado ao que estava escondido por trás de alegorias nas Escrituras; apenas depois ele começou a ser associado a uma experiência do divino – a chamada “teologia mística”.

Vicente Guimarães ainda nos conta outras histórias que nos mostram um Joãozinho crente. Uma dentre elas aconteceu durante o exame de seleção para o Instituto Rio Branco, quando já adulto e casado. Segundo Vicente, Joãozinho pedira a ele que durante o sorteio dos pontos da prova oral pensasse positivamente naqueles que havia estudado mais profundamente na noite anterior para que fossem sorteados. “As forças de nossos pensamentos, somadas, o ajudariam. Muito acreditava nisso, com fé. Admirava o esoterismo.” (Guimarães, p.97). Favorecido ou não pelos pensamentos positivos, caíram justamente os pontos que ele desejava. “Joãozinho, discretamente, voltou-se para trás e encontrou o meu olhar. Sorrimos.” (idem).

Durante sua carreira de diplomata, o misticismo também rondou sua vida. Quando estava trabalhando como cônsul-adjunto em Hamburgo (1938-1942), numa carta aos pais datada de 16 de maio de 1938, aponta a força da sua fé em Deus e na obtenção de “sucessos *quasi milagrosos* que obtém quem apella para a protecção de Deus.” [sic]:

Nesse ponto, estamos absolutamente de acordo. Creio mesmo que só obtém êxito na vida as pessoas que contam com um auxílio sobrenatural e que a elle [sic] recorrem, *com fé*. Creio ainda mais, que esse é um *recurso ilimitado*. Os resultados dependem tão somente da dose de fé e confiança *calma*.(...) A oração é coisa muito mais transcendente do que parece. Apenas, há mais uma maneira da gente orar. (Rosa, Vilma, p.175)

Neste mesmo período, suas palavras são postas à prova com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Segundo a filha Vilma, seu sentimento místico aumentou enquanto estava sediado na cidade alemã de Hamburgo. Conta-se que durante um dos bombardeios à cidade, o consulado brasileiro havia sido atingido e quase todo destruído. Apesar do risco de desabamento, Joãozinho buscou coragem e entrou na casa praticamente em ruínas para pegar alguns documentos valiosos. Diz-se que logo que saiu, o resto da casa desabou, como se estivesse apenas esperando ele terminar seu ato heróico. Creditou isso ao divino. Outra história da mesma época remonta a outro bombardeio. Dessa vez era a sua casa que havia sido atingida enquanto se escondia num abrigo antiaéreo. Isso fez com que achasse que sua vida havia sido salva duas vezes (Rosa, Vilma, p.153).

Contudo, não era apenas no pensamento positivo, em Deus, na fé, nas premonições e fluidos que ele acreditava. Em 9 de setembro de 1949, numa carta

endereçada ao amigo Pedro Barbosa, vemos a influência da astrologia em sua vida: “Achamos que você deve vir por aqui (Paris) em fim de abril. Pegar o vapor em 15 de abril, ou avião a 27 de abril, boas datas astrológicas”. Ou seja, não apenas se interessava pelo cristianismo e algumas abordagens místicas. Estudava a Astrologia⁷ e até mesmo a Numerologia, como atesta a história que envolve o amigo Jose J. Veiga. Conta-se que foi Joãozinho quem aconselhou Veiga a publicar sob o nome J.J.Veiga depois de fazer cálculos numerológicos: “Vai te dar muita sorte!”, teria avisado ele (Costa, p.32).

Joãozinho também gostava muito de conversar sobre seus pensamentos místicos, principalmente sobre Deus, com a filha Vilma. As conversas chegavam a tal grau que eram quase capazes de torná-Lo tangível⁸. (Rosa, Vilma, p.157)

Quando contou-me ter sido a sua vida, desde cedo, matizada pelas coincidências surpreendentes – telepatia, premonição, séries encadeadas fortuitas -, os encontros casuais com as pessoas, as coisas e as informações ansiadamente precisadas, que tão decisivamente atuavam na formação de seus princípios básicos, nos sentimentos e na própria obra, e eu lhe contei que isto também acontecia comigo, acreditamos tratar-se de um dom atávico, e isso mais nos ligava.

Tendo percorrido, numa dimensão espiritual, os milmundos que projetaria depois em cada uma de suas estórias, o senhor satisfaz os desejos fundamentais de expressão da verdade e da beleza. Liberto daquela angústia da espera que chamava saudades da eternidade, já deve ter atingido, agora, o ideal que me ensinou a cobiçar: “-lépidos, lípidos e luminosos?...”(Rosa, Vilma, p.12)

Conversava também com o amigo Manoel Carvalho e com o embaixador Antonio F. Azeredo da Silveira – apelidado de Silveirinha. Em carta datada de Rio, 27 de outubro de 1945, a Silveirinha, escreve: “...Ando com fome de coisas sólidas e com ânsia de viver só o essencial. Leia o “Time must have a stop”, de Huxley. Pessoalmente, penso que chega um momento na vida da gente, em que o único dever é lutar ferozmente por introduzir, no tempo de cada dia, o máximo de “eternidade”...” (Rosa, Vilma, p.361). Outro companheiro de debates espirituais era o escritor e amigo Geraldo França da Lima - e a esposa deste, Lygia,

⁷ Entre os livros místicos de sua biblioteca, há o de André Barbault, *Cancer* – o signo do escritor. Barbault é considerado um dos maiores astrólogos franceses que existiu e foi, por quinze anos, vice-presidente do *Centre International d’Astrologie*.

⁸ “Profundamente (místico). Falávamos horas sobre religião. Como ele, sou também mística. Papai ensinava-me coisas lindas. Suas idéias personalíssimas continham muito da filosofia oriental. Conversávamos tanto sobre Deus, que Este se tornava quase tangível a nossa frente.” (Rosa, Vilma, p.134)

considerada uma das poucas amigas-confidentes que tinha, segundo sua filha, e com quem também travavam muita conversa sobre a filosofia espiritualista. Na carta de 16 de julho de 1948, Joãozito elogia a indicação de leitura que Geraldo havia lhe recomendado: “Achei ótimo, realmente magnífico, seu “O Caminho da Cruz das Almas”⁹. Do “berfiaeff” [sic] a este, a subida foi sensacional!” (Rosa, Vilma, p.427).

Pelas conversas que tinha com a filha, amigos e parentes, mencionadas em cartas e confissões, podemos deduzir que Joãozito não seguia apenas uma religião específica. Apesar de ter sido batizado na Igreja Católica, estudava diversas religiões e correntes esotéricas e acreditava que em todas havia algo de verdadeiro – esse tipo de pensamento hoje é chamado de espiritualismo, uma crença de que todas as religiões possuem uma essência comum. “Sou só religião, alheio a qualquer associação ou organização religiosa”, teria dito Dora Ferreira da Silva numa visita:

(...) e completou falando de sua tentativa de manter um diálogo sem mediações com o infinito. Numa carta posterior a Vicente Ferreira da Silva, Guimarães explicita certos pontos fundamentais de sua *religião*: ‘Sei que haverá ‘novos’ Deuses, mas tudo que é discórdia, agressividade, destrutividade, tem de se transformar, desaparecer, antes. Cristo (o Cristo verdadeiro) cabe; tem seu ensino, indispensável. ‘Os mansos herdarão a terra.’. Seu ensino central, a meu ver (o do Reino do céu dentro de nós) é: 1- o domínio da natureza, a começar pela natureza de cada um – pela *fé*, que é a forma mais alta e sutil de energia, a qual o universo é plástico; 2 – o amor, possibilitando a coexistência, sem o mínimo sinal de atrito, conflito, desarmonia, destruição ou desperdício. Sobre esta plataforma, o céu, as possibilidades infinitas de um sempre-evoluir, em plenitude, prazer, alegria ininterrupta; cada um invulnerável. (Silva, p.60).

Apesar de estar em grande parte voltado à religião, como o Catolicismo, Judaísmo e Budismo, não se restringia apenas a elas. Procurava também aprender mais sobre temas sobrenaturais, como os abordados pela parapsicologia.

A partir desse caldeirão de crenças que borbulhava em seu espírito, podemos entender porque Joãozito se dizia místico ao invés de crente, ou mago, ou espiritualizado ou religioso. O misticismo não é religião. Enquanto as religiões possuem estruturas dogmáticas rígidas “presas a alguma ideologia que as embasam, com explicações alegóricas sobre o universo” (Mesquita, p.19), o

⁹ Livro escrito pelo francês Georges Bernanos, conhecido de França de Lima.

misticismo e o ocultismo buscam “uma verdade individual para o homem, desvincilhada de dogma ou mitologia específica.” (idem). Quando se fala em misticismo, fala-se não apenas numa crença no sobrenatural, algo além daquilo considerado natural pelas leis da racionalidade e do palpável, é também uma filosofia¹⁰, pois funciona como um veículo de pensamento sobre questões que algumas religiões ou ciências físicas dariam como encerradas ou inquestionáveis. Através do misticismo procura-se o conhecimento e, ao mesmo tempo, o contato com a divindade, o que proporcionaria tal saber¹¹.

Obtém-se essa conexão através da prática e do estudo e, principalmente, de uma contemplação espiritual da vida e de si. Sendo assim, diferente das religiões tradicionais, existe uma procura através da experiência pessoal para conectar-se à divindade, isto é, sem intermediários ou doutrinas a serem seguidas, segue-se numa busca incessante pela relação direta com o divino – seja ele Deus ou uma Consciência Superior ou uma Fonte de Energia ou um Ser Supremo, ou o Cosmos... – Joãozito, então, estudava as filosofias místicas e procurava colocá-las em prática na sua vida pessoal e em sua arte, como veremos a seguir através de suas cadernetas de anotações e na sua relação com a escrita e a palavra.

No entanto, apesar da sua preocupação com o “sentido místico das coisas”¹² e da forte crença em Deus e no Seu Amor, ele ainda tinha medo de

¹⁰ Outras vezes, o misticismo é usado como sinônimo de crenças periféricas, isto é, crenças que não são centrais num determinado lugar ou período. Por exemplo, a Cabala seria a corrente mística do judaísmo e o Sufismo do Islamismo.

¹¹ Muitas vezes, por seu caráter hermético, articulando num espaço alegórico ou figurado, o misticismo é visto como uma ciência misteriosa. O que também pode levar a uma descrença, burla ou sentimento de ilusão – criando o significado mistificação, em francês *mystifier*.

¹² Apesar da preocupação constante com o seu caráter místico, brincava também com suas crenças. Certa vez caiu doente e, na carta XXX ao seu tradutor italiano (Rio, 21 de outubro de 1966) conta que foi ao médico e depois benzer-se. Brincava dizendo que estava assim por “vingança do diabo, que ataquei no “Grande Sertão: Veredas.” (Rosa-Bizzarri, p.181). Na verdade, fica necessário esclarecer que Joãozito não acreditava no Diabo como uma entidade maligna que induz à maldade ou age contra as pessoas. “Apenas na solidão pode-se descobrir que o diabo não existe. E isto significa o infinito da felicidade. Esta é a minha mística.” Ele explica isso melhor em sua entrevista com Günter Lorenz, em que este pergunta: “Dizendo a verdade: em seus livros você não menciona o diabo, o que sempre faz das suas, justamente para demonstrar que ele não existe, ou melhor, que pode ser eliminado, vencido, destruído?” E Joãozito responde: “Isto poderia ser absolutamente certo. Provavelmente, eu seja como meu irmão Riobaldo. Pois o diabo pode ser vencido simplesmente porque existe o homem, a travessia para a solidão, que equivale ao infinito”. (Lorenz, p.37). Esse pensamento pode ter surgido pela leitura de *A história do Diabo*, de Vilém Flusser, em que parodia textos sagrados e elogia seu personagem principal, “príncipe tão glorioso”, desmontando a figura do Diabo que temos. Este livro também se encontra em sua biblioteca particular.

morrer. Como afirma sua filha Vilma, foi por isso que ele criara a fórmula do “encantamento”, para que funcionasse como um consolo de que a separação depois da morte seria apenas provisória e o reencontro obrigatório. Foi esse mesmo medo misturado à superstição que o fez atrasar sua posse oficial na Academia Brasileira de Letras em quatro anos. Como Vicente escreve num dos trechos de seu livro, Joãozinho acreditava que iria morrer aos cinquenta e oito anos, porque de seus sete tios, quatro morreram com essa idade. “Posse na Academia só mesmo depois dos cinquenta e nove anos completos e ainda com alguns meses distanciados, me disse temeroso.” (Guimarães, p.106). Vilma conta ainda que no dia da posse ele passara o tempo todo quieto, como se meditando ou esperando um golpe sorrateiro:

Num dos prefácios de *Tutaméia*, papai confessou que a sua vida, desde os primeiros anos, foi dirigida por fatos misteriosos. Premonições reveladas em sonhos, telepatia, intuição, série de acontecimentos fortuitos interligados, toda sorte de avisos e pressentimentos. Certas premonições o preocupavam. Uma delas, a última em sua vida, foi a sensação de que, se tomasse posse na Academia Brasileira de Letras, morreria. Por isto adiava a solenidade, já tendo sido eleito quatro anos antes. E foi isso o que aconteceu, três dias após a posse: morreu fulminado por um ataque do coração. (Rosa, Vilma, p.159)

“Encantou-se” em 16 de novembro de 1967, o ano que prometera a si mesmo: “Esse ano vou só trabalhar e rezar.” (Costa, p.54).

1. O místico leitor e o leitor místico:

Quando pensamos em leitor, vem-nos o arquetípico Borges, que de tanto ler, ficou cego – ou assim gostamos de pensar – imerso na sua babilônica biblioteca de intermináveis galerias hexagonais interligadas por escadas espirais elevando-se ao Infinito. Apesar da luz insuficiente e incessante, lá se encontram todos os livros. Livros estes que, apesar de serem constituídos dos mesmos elementos – “o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto” (Borges, p.519, vol.I) – não são idênticos: “Não há, na vasta Biblioteca, dois livros idênticos.”, avisa-nos Borges. Enquanto um livro for possível de existir, ele estará na Biblioteca.

E talvez, sejamos leitores atrás do catálogo dos catálogos, como Borges, ou os livros do Hexágono Carmesim, ou até mesmo, “o grande livro circular de

lombada contínua”. E enquanto andamos por estas galerias, topando com os espelhos cujo reflexo “duplica as aparências” e “representam e prometem o infinito” – como Borges diz preferir pensar – e com aqueles que dizem conhecer o Homem do Livro ou com os inquisidores, vamos descosendo nosso olhar em leituras mil, deixando um pouco de nós em cada estante, em cada volume, e nos encontrando mais tarde noutro volume, numa outra estante. Leitores borgeanos que aqui vão se inscrevendo em leituras constantes, que não “se prostram diante dos livros e beijam com barbárie as páginas, mas não sabem decifrar uma única letra” (Borges, p.522, vol.I), leitores de essências, leitores místicos, leitores como Joãozinho, que vai se transmutar no escritor Guimarães Rosa, por trás do qual se esconde o mestre Guima.

Joãozinho foi uma criança diferente, relata-nos seu tio Vicente Guimarães:

(...) sossegado, caladão, calmo, observador, singelo. Lia muito, estudava... Brincar, raramente, depois que descobriu a leitura. Separá-lo de um livro era difícil, até para as refeições. Nem nunca precisava lhe mandassem estudar. Contrariamente: ralhavam-lhe para deixar o livro. (Guimarães, p.28).

Conta-se ainda que gostava de ler sentado no chão, com as pernas cruzadas –como um Buda – e o livro no colo. Ficava ritmando a leitura com pauzinhos – de madeira ou canudinhos de papel enrolado – ou até mesmo com os próprios dedos indicadores – batia nas páginas como se estivesse “orquestrando” a leitura – mania que manteve até sua morte. E desde sempre foi um voraz leitor a ponto de preocupar a família, que tinha que impedi-lo de ler por causa da vista fraca. Contudo, não havia como. Estava sempre lendo, “sempre grudado num livro”:

Era magrinho, fraco, o médico mandou cortar qualquer excesso. Os estudos demais da conta, as leituras. Mas o Joãozinho não tinha jeito mesmo: lia atrás da porta, e de manhã eu achava livros debaixo do travesseiro. Quando era rapaz, lia até altas horas com os pés na bacia de água gelada, que era para não dormir.(Costa, p.11).

Certa vez, por causa dos livros, deu um susto na família. Passara o dia sumido e ninguém o encontrava em canto algum. Ficaram o dia todo o procurando e, no fim do dia, acabaram por encontrá-lo escondido no barracão do armazém do pai, dormindo recostado num saco de arroz e com um livro no colo (Guimarães, p.28).

Segundo Vicente, Joãozito afirmara que não gostava de falar da infância por causa desses impedimentos quanto a sua sossegada leitura. Seu Fulô, apesar do bom coração, não conseguia entender o filho, pois para ele, esse excesso de leitura estaria associado a vagabundear (Guimarães, p.39). Dessa forma, entendemos porque as memórias de infância de Rosa sobre Joãozito não são as melhores:

É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, interferindo, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Já era míope, e nem eu, ninguém sabia disso. Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Mas tempo bom de verdade, só começou com a conquista de algum isolamento, com a segurança de poder fechar-me num quarto e trancar a porta. Deitar no chão e imaginar estórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas. (Lima, p.52)

Aos 7 anos pediu de presente de aniversário ao padrinho Luis uma *Geografia Lacerda*. Era apaixonado por geografia. “[...] quando comecei a estudar geografia – matéria de que sempre gostei [...] Gostava de estudar sozinho ou de brincar de geografia.” (Guimarães, p.53). Geografia essa que o ajudou nas histórias que imaginava. Na carta de Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1966, conta à prima Lenice como era sua infância prodigiosa e as histórias que suas leituras fizeram criar:

Desde menino, muito pequeno, eu brincava de imaginar intermináveis estórias, verdadeiros romances; quando comecei a estudar geografia – matéria de que sempre gostei – colocava as personagens e cenas nas mais variadas cidades e países; um faroleiro, na Grécia, que namorava uma moça no Japão, fugiam para a Noruega, depois iam passear no México... coisas desse jeito, quase surrealistas. Mas, escrever mesmo, só comecei foi em 1929, com alguns contos que, naturalmente, não valem nada. Até essa ocasião, eu só me interessava, e intensamente, pelo estudo, da Medicina e da Biologia. (Costa, p.12).

Ao domingos, em Belo Horizonte, ele e Vicente ganhavam uma domingueira de dois mil-réis do pai deste, avô daquele. Enquanto Vicente comprava cigarro – tinha, então, 12 anos –, ia à matinê do cinema, andava uma volta completa de bonde e ainda comprava balas e sorvetes, Joãozito “comprava pastéis de tostão, de carne bem cheios; empadinhas de camarão, de sua preferência, de duzentos réis cada, com inteiras azeitonas; um garrafa de soda

limonada, de quinhentos réis; e doces vários, de tostão cada um.” (Guimarães, p.50) Com isso ia para a Biblioteca Municipal e lia enquanto comia. Certa vez, um leitor idoso viu o menino fazendo aquele banquete sem tirar os olhos do livro. Indignado, foi reclamar com o bibliotecário. O funcionário, muito calmo, avisou que o menino era assíduo freqüentador e muito cuidadoso e ainda pediu que o senhor se aproximasse para ver o que o menino lia: era um clássico francês. Joãozinho tinha 9 anos de idade.

Começara o francês – juntamente com o holandês – com o frei Canísio, que lhe ensinara as primeiras letras. “Ele iniciou o estudo dessa língua, sozinho, aos sete anos, incompletos” (Guimarães, p.40). Ganhou ainda de um amigo do pai, um viajante, uma gramática e um pequeno dicionário que o ajudaram a ler algumas revistas francesas que havia adquirido. Outra vez, deixara de jogar futebol com os meninos da rua para ler uma gramática alemã recém comprada.

Lá, em Minas Gerais, quando com 9 anos de idade, muito espantei os meus, ao comprar, por mim mesmo, uma gramática alemã, para estudá-la, sozinho, sentado à beira da calçada, nos intervalos de jogar, com outros meninos, *football* [sic] de rua. (Costa, p.10).

Além disso, tinha uma memória prodigiosa. Por todos era tido como um menino inteligente, com uma memória maravilhosa, que gostava de conversar com adultos e fazer perguntas, sempre faminto por conhecimento. Certa vez, padres redentoristas de Curvelo, de passagem, souberam do menino inteligente que junto ao frei Canísio pensava em estratégias aliadas para vencer a Primeira Guerra Mundial. Joãozinho foi chamado e sustentou a conversa sobre a guerra com eles, deixando-os todos muito impressionados.

Não é nem preciso ressaltar novamente o quanto era estudioso e apaixonado por geografia e história natural, passando horas a brincar com mapas e com insetos e plantas colecionados em caixas de fósforos e de sapatos. Nas férias também lia muito: de almanaques de farmácia a jornais velhos. “Brinquedos, brincadeiras quase nada. Sua atividade maior, constante, fatal, era a leitura. Depois disso, a organização de seu museu de insetos e folhas secas. Interessava-se por estudar os vegetais.” Tinha até uma botânica e anotava sempre que podia os nomes científicos e populares das plantas (Guimarães, p.65).

Esse interesse específico pelas ciências naturais provavelmente o levaram à Medicina – chegou a se formar e a exercer a profissão. No entanto, como Joãozito costumava dizer, com o passar dos anos, as ciências médicas e naturais não eram para ele. Preferia o abstrato, o Infinito, que procurava alcançar em suas leituras. O que nos dá a impressão que depois de ter lido toda uma galeria hexagonal, os livros lidos formaram os degraus da escada em espiral que o levariam a outras galerias, quem sabe atrás do Homem do Livro ou a seguir os passos do bibliotecário borgeano.

É inegável seu gosto pela leitura e pelo conhecimento, contudo, ao dar a João Guimarães Rosa os títulos de leitor místico e místico leitor, podemos irromper num jogo de palavras. Pois, ao escrever “leitor místico”, podemos pensar num leitor que acredita no misticismo, ou seja, uma qualidade dada ao leitor. Mas quando se fala num “místico leitor” temos duas interpretações: um místico que lê ou o mistério que envolve o leitor ou, até mesmo, alguém que se supõe ler. Isso pode ser explicitado numa afirmação do próprio, anos mais tarde, quando já escritor:

Leio muito pouco, quase não tenho tempo. Os livros que leio são os que estão em moda, e, também, os escritos dos amigos. Gosto mesmo é de ouvir conversas. Com pessoas estranhas, de preferência. Ouvir a vida para poder transmiti-la. Se a gente lê muito, em demasia, acaba contando coisas que todo mundo já sabe. É preciso dar coisas novas, há milhares de coisas novas para dar. E descobri-las. (Rosa, 2006, p.78)

Isso explicaria o número de obras encontradas em sua biblioteca pessoal, analisada pela pesquisadora Suzi Frankl Sperber, depois de sua morte. Eram 2477 livros, o que “para sua famosa cultura era pouco.” (Sperber, p.16). Ela também fez um inventário dos, mais ou menos, 200 livros de caráter espiritualista encontrados em suas estantes depois de sua morte e como eles poderiam ter afetado a sua obra. A lista foi por ela analisada e reunida no livro *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*, que conta com títulos que vão de Platão e Plotino aos jornais da *Christian Science*¹³. Influências que ele nunca negou:

¹³ Essa era uma publicação mensal feita pela *Church of Christ, Scientist*, - ou *Christian Science* - fundada por Mary Baker Eddy, em 1879, em Boston. Seus membros acreditam na primazia do espírito sobre a matéria, negando o pecado, os sentimentos negativos, a doença e a morte. O jornal fora criado para demonstrar as práticas de cura da *Christian Science*. Cada volume possuía perguntas, resenhas de livros, entrevistas, poesias, etc. Os *Christian Science Journals* de Rosa datam de 1960 e 1961. Há ainda versões em francês, datadas de agosto e setembro de 1960 e

Acredito que Krishnamurti seja a segunda encarnação de Cristo. Estudo muito as doutrinas. A sabedoria oriental me fascina. Não foi à toa aquelas epígrafes de Plotino ou de Ruysbroeck, o Admirável para o meu *Corpo de baile*. São um complemento de minha obra. Sou um contemplativo fascinado pelo Grande Mistério, pelo *O anel ou a pedra brilhante*. (Rosa, 2006, p.92)

São títulos que têm em suas páginas diversas marcações como sublinhados – muitas vezes em cores diferentes, provavelmente representando algum código específico – pontos de exclamação, anotações marginais, signos de infinito, etc., mostrando que os livros em si não eram entidades e sim, portais de acesso ao saber. Sperber preferiu analisar os livros encontrados a partir do método crítico da *Textkritik*, ou seja, analisar os livros como “níveis básicos de textos roseanos, a partir dos quais houve uma série de variações”, ao invés de pensá-los como ideários (Sperber, p.19).

(...) Guimarães Rosa não fez mera citação de textos (aparente ou latente), nem foi proselitista, adaptando a narrativa a uma realidade filosófica estudada e por ele aceita. Vimos como a partir da derrota deste caminho, o único restante foi a comparação entre os textos marcados e a obra. (Sperber, p.151).

Mesmo assim, por mais que as obras fossem usadas para a construção de uma intertextualidade, Joãozinho fazia questão de ler e meditar sobre essas suas leituras¹⁴. De acordo com Francis Uteza, ele lera:

Fulbert Cayre (*Patrologie et Histoire de la Theologie*, Paris, Desclee, 1938), São Bernardo (*Tratado do Amor de Deus*, Rio, Igreja Positivista, 1895), São Francisco de Assis (*Fioretti*, Paris, Albin Michel, 1947), São Alberto Magno (*Traite de l'union à Dieu*, Montreal, L'Arbre, 1944), São Boaventura (*Les voies de la vie spirituelle*, Montreal, Ed. Franciscaines), Jean Leflon (Gebert, *Humanisme et chretiente au Xe siècle*, Paris, Fontanelle, 1946), padre Festugiere (*La saintete*, Paris, Puf, 1949), *Introduction à la vie intérieure*, Paris, Egloff, 1945, Daniel-Rops (*Jésus en son temps*, Paris, Fayard, 1946), Teilhard de Chardin (*Le phénomène humain*, Paris, Le Seuil, 1955). G.Foot Moore (*Judaism*-Cambridge, Harvard Univ. Press, 1946-48), H.W.Van Loon (*Story of the Bible*, New York, Doubleday, 1953), Rabino Lemle (*O judeu e seu Mundo*, Rio de Janeiro, B'nai B'rith, 1967/ *A nobreza do povo*, Rio de Janeiro, s/ Ed.,1963),

fevereiro e março de 1961. As versões em alemão são a maioria e datam de fevereiro de 1944, setembro e outubro de 1960 e abril de 1961. Sperber acredita que essas leituras tenham influenciado bastante Guimarães Rosa ao escrever *Primeiras Estórias*.

¹⁴ “Meu pai tinha um grande interesse nas realidades de um mundo imaterial e no significado da criação. Sempre procurou a conexão entre o visível e o invisível. E sua filosofia está sempre presente em suas obras. Durante toda a sua vida, meditou profundamente sobre a eternidade.” (Rosa, Vilma, p.158)

Irmãos Tharaud (*La rose de Saron*, Paris, Plon, 1927/ *A l'ombre de la croix*, 1920), Martin Buber (*Histoires du Rabin Nachman*, Frankfurt, Bucherei, 1955), G.Conteneau (*La vie quotidienne à Babylone*, Paris, Hachette, 1950), ... entre outros.¹⁵

Notou-se que os Vedas citados a Bizzarri numa de suas cartas estão ausentes. Ainda assim, o hinduísmo está representado em cinco outras obras (Uteza, p.37). Também falta seu livro de cabeceira, uma edição de a *Imitação de Cristo* - escrito supostamente por Kempis - que não foi mais encontrado após sua morte (Uteza, p.32). Segundo Uteza, também faltam na biblioteca de Joãozito: Paracelso e Van Helmont, que, como notou, estariam como intertextos em *Corpo de Baile e Tutaméia*.

Sperber também fez uma relação dos livros lidos por Joãozito que estariam entrelaçados aos escritos por ele e que linha mística estariam seguindo:

Sagarana – esoterismo

“A hora e a vez de Augusto Matraga” – esoterismo e Evangelhos

Corpo de Baile – Platão, Plotino, transformação de um primeiro esoterismo, Upanishad, Evangelhos, Bíblia

Grande Sertão: Veredas – somam-se a influências literárias o espiritismo, o judaísmo, Romano

Guardini, Sertillanges, Platão, Plotino, os Evangelhos, a Bíblia, o Zen

Primeiras Estórias – soma dos anteriores, sobretudo de Platão, filtrados pela Christian Science

Ou seja, segundo Sperber, as narrativas se tornaram panos tecidos com diversas linhas do pensamento místico, que articulam de forma diferente – e, muitas vezes, sendo atualizadas com novas leituras de textos – em cada tecido, dando uma textura própria. O que leva ao que a pesquisadora chama de “encaminhamento contrário ao experimentado pelo mundo ocidental: a narrativa rosiana volta do *logos* ao *mythos*.” Enquanto *Sagarana* possuía “Realismo Mágico”, *Corpo de Baile* já começa com “Naturismo Mítico” até *Grande Sertão: Veredas* atingir o “logos x mythos” e *Primeiras Estórias* concluir com uma “epifacinação filosófica”. (Sperber, p.154). Isso leva Sperber à conclusão de que Joãozito “partiu de uma imitação do real para transcendê-lo. O real existiu na ação, pelas palavras e foi transcendido na ação, pelas palavras. Os temas das

¹⁵ Nas páginas 34 à 36 de Uteza pode-se encontrar a lista completa.

narrativas não se revelaram transcrição de leituras espirituais, senão que Joãozinho delas partiu para ultrapassá-las pela forma.” (Sperber, p.155). Mas ele não parece ter querido apenas usar os livros como narrativas aproveitáveis para “fundamentação dos anseios e formas espirituais populares de nosso povo¹⁶” (Sperber, p.155):

E eu mesmo fiquei espantado a ver, *a posteriori*, como as novelas, umas mais, outras menos, desenvolvem temas que poderiam filiar-se, de algum modo, aos “Diálogos”, remotamente, ou as “Eneadas”, ou ter nos velhos textos hindus qualquer raizinha de partida. Daí, as epígrafes de Plotino e Ruysbroeck. (Rosa-Bizzarri, p.90)

Ou seja, tirava de suas leituras os temas espiritualistas que tanto o interessavam como leitor e os colocava de alguma forma nas suas obras. Essas “sub-para-citações” teriam o intuito de funcionar como uma espécie de elemento de revelação, um *satori* libertador, vindo através do processo da leitura do seu texto hermético. Isto é, seria como se tivesse transformado a sua obra numa Tábua Esmeralda. E gostava de escrever enigmas, como podemos ver nas cartas trocadas com uma das irmãs, quando ainda era pequeno, em que as palavras viravam sinais. Mais velho, esses enigmas ganhariam forma de palavras que atingissem outro patamar que o da simples comunicação. Um exemplo claro e já muito estudado disso é o seu livro *Tutaméia*, em que cada conto seria uma espécie de *koan* do Zen, de um enigma que não se atinge pelo pensamento e sim, pela intuição: “Apondo a mente a problemas sem saída, desses, o que o zenista pretende e atingir o *satori*, iluminação, estado aberto as intuições e reais percepções.” (Uteza, p.31)

¹⁶ Na carta XII, Rio, 19 de novembro de 1963, Joãozinho responde à seguinte pergunta de Bizzarri: “Onde poderia encontrar dados que caracterizem estas imaginações populares?” E Joãozinho responde: “Só, talvez, em Rabelais, nas narrações de sabaths, de bruxarias medievais, sugestões nas catedrais góticas, nas gárgulas e carantonhas. Não são, não se trata, no texto, de imaginações *exatamente* populares. Mas de propositais semi-contrafações destas, para figurar o que, na imaginação de um espectador sensível, e sugerido pelos vultos que o vento parece formar com a poeira calcárea, estranhíssimamente, naquele desolado lugar. Digamos: o gorgônio? o ippogrifo? o Grifagno? o Bafomet? a arqui-harpia? Outras matrizes, que a mitologia pode fornecer.” (Rosa-Bizzarri, p.84).

Todas as histórias de loucos, palavras infantis e outras incursões no absurdo, fora da lógica convencional, são, na verdade, koans suscetíveis de facultar o acesso a realidade superior. Alias, o escritor o confirmava, ao convidar a prática de uma hermenêutica que sublimasse o primeiro nível cômico do disparate: por onde, pelo comum, poder-se corrigir o ridículo ou o grotesco, até levá-lo ao sublime; seja daí que seu entre-limite é tão tênue. E não será esse um caminho por onde o perfeitíssimo se alcança? Sempre que algo de grande se fez, houve um silogismo inconcluso, ou, digamos, um pulo do cômico ao excelso. (Uteza, p.31-2).

Consuelo Albergaria teve que recorrer ao *Corpus Hermeticum*¹⁷, aos Mistérios da Antiguidade, aos gnósticos-cabalistas, à Astrologia, à Alquimia, ao Taoísmo, ao Bramanismo, ao Budismo, ao Hinduísmo, ao Pitagorismo, à Cabala e ao Hermetismo para poder estudar Joãozito. Foram notadas, além disso, duas vias orientais no seu pensamento, a indiana e a chinesa¹⁸, misturadas à filosofia grega e ao Cristianismo. “Posso ser cristão de confissão sertanista, mas também pode ser que eu seja taoísta à maneira de Cordisburgo, ou um pagão crente à la Tolstoi”. (Uteza, p.31).

E chegou-se à conclusão que ele usava esse misticismo recolhido em leituras de duas formas: moldando a ação, personagens e situações segundo os ritos iniciáticos e também cifrando mensagens em nomes de lugares, pessoas - anamorfose, como Holbein. Essa mistura de conhecimentos místicos poderia estar relacionado ao que Albergaria explica como a metafísica oriental – que estaria presente na metafísica da linguagem –, isto é, não seguiria a metafísica aristotélica-tomista – “conhecimento do ser enquanto ser” –, pois a metafísica oriental tem como fundamento coordenar e unificar sem destruir ou opor elementos, uma espécie de harmonizador das multiplicidades e ultrapassando o mundo natural, fenomênico, profano, exterior, de “aspectos materiais e necessários” estudado por Aristóteles para atingir um mundo sobrenatural próximo ao pensamento platônico, agostiniano e neo-platônico. (Albergaria, p.17).

¹⁷ O *Corpus Hermeticum* é um conjunto de textos gregos atribuídos a Hermes Trismegistus. Eles foram recolhidos por Michele Psello, estudioso bizantino, professor de filosofia, teólogo, historiador e funcionário público, em 1050. Joãozito tinha uma versão francesa do mesmo em sua biblioteca.

¹⁸ Teria aprendido chinês para compreender melhor Confúcio.

Esse tratamento “metafísico oriental” pode ser atestado numa entrevista de sua filha Vilma concedida à Suzi Frankl Sperber¹⁹:

Habitado à introspecção, papai extrovertia-se em arte e raciocínio. O seu caráter especial dimensionou-lhe a obra em termos universais. Espírito naturalmente cristão, religiosidade intensa, interessava-lhe a realidade do mundo imaterial e a grande significação das coisas criadas. Procurava os nexos entre o visível e o invisível, o sensorial e o ultra-sensorial. Simbolismo, ficção, fato, presentes em sua obra, são aliados que identificam a sua visão histórico-filosófica. (Rosa, Vilma, p.31)

Esse caldeirão místico que borbulhava em sua vida derramava-se para a sua arte e ele não fazia questão de esconder. Nas cartas trocadas entre ele e o seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri, que abrangeram o período de outubro de 1959 a outubro 1967, relatava seu gosto pelo misticismo e como este aparecia nas suas obras:

Sou profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita; antes, talvez, como o Riobaldo do ‘G.S.: V.’ [sic], pertenço eu a todas. Especulativo, demais. Daí, todas as minhas constantes, preocupações religiosas, metafísicas, embeberam os meus livros. Talvez meio-existencialista-cristão (alguns me classificam assim), meio neoplatônico (outros me carimbam disto), e sempre impregnado de hinduísmo (conforme terceiros). Os livros são como eu sou. (Rosa-Bizzarri, p.90)

Em vários trechos da correspondência, quando Bizzarri tira dúvidas sobre determinadas construções do texto do escritor de *Corpo de Baile*, nos deparamos com as explicações místicas de Joãozinho para a sua escrita. Numa delas, feita para *O recado do morro*, explica o uso de planetas correspondendo ao nome das personagens:

Jovelino e fazenda Jove = Júpiter,
Veneriano e fazenda de D.Vininha = Vênus,
Zé Azogue e fazenda de Nhô Hermes = Mercúrio,
João Lualino e fazenda de Nhá Selenia = Lua,
Martinho e fazenda de Marciano = Marte,
Hélio Dias e fazenda de Apolinário = Sol.
(Rosa-Bizzarri, p.86)

¹⁹ Guimarães Rosa volta pelas mãos de Vilminha, Diário de Notícias, 3 de março de 1968, p.31-36.

Um exemplo interessante de diálogo entre os textos está em *Dão-la la Lão*. Neste faz menção ao *Canticum Canticorum Salomonis*, *Apocalipse* e *Divina Comédia* com pequenos trocadilhos. Num trecho da obra em que diz, “Os vinte-e-cinco!”, ele se referia ao trecho da obra de Dante que conteria o Purgatório. Noutro trecho explica as nove letras – “dezenove, nove” – no chapéu de Soropita são uma alusão a “apocalíptica”, a um trecho do Apocalipse (19:12 e 19:9). Explica essa intertextualidade:

Como você vê, foi intencional tentativa de evocação, daqueles clássicos textos formidáveis, verdadeiros acumuladores ou baterias, quanto aos temas eternos (...) ainda que tosca e ingenuamente, o efeito visado era o de inoculação, impregnação (ou simples ressonância) subconsciente, subliminal. Seriam espécie de sub-paracitações (!?) [sic]: isto é, só células temáticas, gotas da essência, esparzidas aqui e ali, como tempero, as “fórmulas” ultra-sucintas. (Rosa-Bizzarri, p.86-7)

Ele quer, então nos parece, buscando esses textos – escolhidos não ao acaso – resgatar o Eterno, algo de espiritual, “algum Éden pré-prisco, ou da restituição de qualquer de nós a invulnerabilidade e plenitude primordiais” (Rosa, p.520), que existe neles e que pode ser passado através da linguagem e de uma estrutura específica.

2. As anotações místicas nas cadernetas²⁰ de Joãozito:

Os mistérios sobrenaturais sempre o interessaram, como revela numa carta ao seu tradutor italiano Bizzarri, a ponto de muitas vezes preferir a leitura de textos de cunho místico-filosófico por lhe dar um ar renovado diante do pensamento racionalista da modernidade:

Ora, Você já notou, decerto, que, como eu, os meus livros, em essência, são ‘anti-intelectuais’- defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bérghson, com Berdiaeff – com Cristo, principalmente. (Rosa-Bizzarri, p.90)

²⁰ Cópias desses cadernos foram coletadas pela professora Marília Rothier Cardoso e repassadas em aula – PUC-Rio, segundo semestre de 2006. Boa parte do que tive acesso fala de textos místicos e anotações sobre Tarot, Cabala, Yoga e Prece. Mas há cadernos com temas como diplomacia, sertão, animais, experiências de viagens,...

Essas descobertas são passadas depois para seus livros, mas antes são postas nas páginas de cadernos de anotações e em folhas avulsas datilografadas, para depois serem meditadas.

Místico, espiritualista, cultivando a fé como elemento de ajuda, colecionava pensamentos cuja essência considerasse importante. Misturava-os com os seus, procurando uma resposta plausível aos incessantes “porquês”. (Rosa, Vilma, p.303).

A quantidade de cadernos de anotações de Joãozinho é grande o suficiente para preencher uma das galerias hexagonais da biblioteca borgeana.²¹ Durante suas viagens pelo sertão de Minas, Joãozinho carregava pendurado no pescoço um caderno de anotações e um lápis. Sempre que podia anotava alguma coisa que via ou lia. No fim de sua vida, isso resultaria em mais de 50 cadernos escritos à mão, de acordo com Manuel Narde, vulgo Manuelzão – como o protagonista da novela “Uma história de amor” –, só sobre os dias que passou no sertão. Joãozinho perguntava muito e anotava mais ainda:

ele perguntava mais que padre –, tendo consumido mais de 50 cadernos de espiral, daqueles grandes", com anotações sobre a flora, a fauna e a gente sertaneja usos, costumes, crenças, linguagem, superstições, versos, anedotas, canções, casos, histórias... (site Releituras²²)

Restringindo-me as de teor místico e de aparente uso pessoal, elas muito lembram os cadernos de registros de leituras utilizados pelos gregos, os *hypomnemata*, analisados por Michel Foucault. Quando digo que os cadernos de Joãozinho pesquisados remetem aos antigos *hypomnemata*, descritos por Foucault em “A escrita de si”, é porque são cadernos usados pelos gregos da Antiguidade para anotar registros pessoais, opiniões, leituras, experiências do ser, mostrando uma construção da subjetividade, uma marca própria do seu dono. O que não permite que os *hypomnemata* devam ser tomados como diários ou confissões. São apenas inscrições de idéias soltas, funcionando como uma espécie de memória artificial, um memorando sobre o qual deveria haver uma meditação futura. Como explica o próprio Foucault:

²¹ Aqui faço uma brincadeira com a quantidade de cadernos. Não se tem um número exato porque estariam espalhados por vários aCervos, entre eles o do IEB e da Casa Rui Barbosa.

²² Link: http://www.releituras.com/guimarosa_bio.asp

(...) As personal as they were, the *hypomnemata* must nevertheless not be taken for intimate diaries or for those accounts of spiritual experience (temptations, struggles, falls, and victories) which can be found in later Christian literature. They do not constitute an "account of oneself"; their objective is not to bring the arcana conscientiae to light, the confession of which – be it oral or written – has a purifying value. The movement that they seek to effect is the inverse of this last one. The point is not to pursue the indescribable, not to reveal the hidden, not to say the unsaid, but, on the contrary, to collect the already-said, to reassemble that which one could hear or read, and this to an end which is nothing less than the constitution of oneself.²³

Apesar de encontrar em alguns *hypomnemata* rascunhos de discursos, essa não era a função deles. Era a de recopilar informações, juntar reflexões, ao invés de revelar algo oculto. Segundo Foucault, os cadernos funcionam mais como um instrumento de relação com o eu do que como uma memória externa; uma relação quase profissional para o bem estar do eu, isto é, algo sobre o qual depois deveria ser meditado, analisado pelo próprio “pesquisador”:

(...) one must manage oneself as a governor manages the governed, as a head of an enterprise manages his enterprise, a head of household manages his household...(...) Their use as books of life, guides for conduct, seems to have become a current thing among a whole cultivated public. Into them one entered quotations, fragments of works, examples, and actions to which one had been witness or of which one had read the account, reflections or reasonings which one had heard or which had come to mind. They constituted a material memory of things read, heard, or thought, thus offering these as an accumulated treasure for rereading and later meditation. (...) Such is the objective of the *hypomnemata*: to make of the recollection of the fragmentary logos transmitted by teaching, listening, or reading a means to establish as adequate and as perfect a relationship of oneself to oneself as possible.²⁴

As cadernetas de Joãozinho, então, são feitas de idéias recolhidas que podem ser depois encontradas sob outra forma em seus livros.

Como existe um material muito grande arquivado, tive que me restringir à caderneta de número 2300 que se encontra na Casa Rui Barbosa e às folhas soltas que estão arquivadas no IEB na Pasta E 18 (1), sob o nome de “Estudos para obra”. Optei, obviamente, em me restringir às anotações de teor místico. Como as suas anotações estão embaralhadas, não seguindo uma ordem temática, resolvi dividir em alguns temas que são recorrentes e depois analisá-los como um todo:

²³ Link: <http://artnetweb.com/iola/journal/>

²⁴ Link: <http://artnetweb.com/iola/journal/>

Tarot, Cabala, Yoga, Prece, anotações de livros e pensamentos. É interessante notar, acima de tudo, o tom de aprendiz que Joãozinho traz nessas páginas.

2.1 Tarot²⁵:

Numa folha pequena escrita à tinta²⁶ descreve os 22 Arcanos Maiores da seguinte forma, como se estivesse anotando para não se esquecer: “os 22 arcanos do Tarot ou lâminas. Tarot = 78 cartas = 52 = as comuns + 4 = o ‘Knight’ (entre a dama e o valete) + 22 = outras numeradas com nomes especiais”[sic]. Podemos notar, através dessa informação, que Joãozinho não conhecia à fundo as cartas. As próprias definições que ele se dá mostram isso. Quando ele escreve “as comuns”, provavelmente, está se referindo às do baralho comum que usamos no dia-a-dia. E “entre a dama e o valete”, seria uma explicação da posição do Knight, já que esta carta só existe nos Arcanos Menores do Tarot e não no baralho comum. Ademais, segue uma descrição dos nomes das cartas, na qual ele mistura nomes em inglês e significados específicos como: “1-the Juggler ou Magician, 2- the high Priestess = (Isis ou Hidden Knowledge), 3- a Imperatriz (a Natureza), 4- o Imperador, 5 – o Hierofante (a Religião), 6- Tentação (o Amor), 7- o Carro (magia), 8- Justiça, 9- o Eremita (Sabedoria), 10 – a Roda da Fortuna, 11- Força, 12- o Homem enforcado/ sacrifício”

Depois de escrever várias palavras e formas de escrever a mesma coisa, ele segue com as seguintes expressões noutra página: “pôr as cartas, botar as cartas, deitar cartas”. Em baixo, riscado, há três palavras: “interpretar, Dr.Malaên e combinação”. O nome Malaên estaria atrelado aos cavalos diabólicos do folclore celta? Ainda havia várias novas análises de palavras, entre elas, “a

²⁵ O Tarot ficou inicialmente conhecido na Europa no final do século XIV, quando era utilizado por ciganos espanhóis, de acordo com Ouspensky. Nessa época, na Europa Medieval, existia uma tendência para a construção de sistemas lógicos, simbólicos e sintéticos análogos à *Ars Magna* de Raymond Lully. Ele acreditava que todas as coisas estão hierárquica e harmoniosamente ordenadas e que combinações seriam feitas para reproduzir analogicamente a ordem divina, dessa forma seria possível uma lógica material que pudesse refletir a ordem do universo. Identificou nove atributos divinos comuns ao Cristianismo, ao Judaísmo e ao Islamismo, *Dignitates Dei*. Esses conceitos, *alfabeto dell' arte*, vão funcionar como princípios a partir dos quais toda a *Ars* se constrói. O respeitado tarólogo Joseph Maxwell, na introdução de seu livro “The Tarot”, explica que apesar das primeiras lâminas que se tem notícia serem dos séculos XIV e XV, elas só teriam sido usadas em jogos adivinhatórios a partir do final do século XVI. Porém, só se tornou realmente conhecido a partir do século XVIII com Court de Gebelin, Etteilla e Madame de Lenormand.

²⁶ Podem ser encontradas no arquivo de João Guimarães Rosa no IEB, pasta E-18 (1)

embaralhadora”, que acredito ser taróloga e “A gente vive é escrevendo alguma IGNOTA bobagem em morse?.” Mais tarde vim a descobrir que todas essas anotações podem ter sido usadas no conto “Cartas na Mesa”, publicado no jornal *Pulso* em 8 de janeiro de 1966 e depois em *Ave Palavra*.

Por que esse interesse todo de Joãozinho pelo Tarot? Talvez porque ele seja reconhecido como a pedra fundamental do hermetismo no Ocultismo Tradicional do Ocidente. Ouspensky no seu trabalho *The Symbolism of the Tarot - Philosophy of Occultism in Pictures and Numbers*, explica a ligação entre o Ocultismo e o simbolismo do Tarot como se este fosse o método, um treinamento mental, mais sintético para desenvolver o “sentido dos símbolos” das forças ocultas na Natureza e no homem.

Jung reconheceu a completude de sua simbologia e notou que tinha sua origem e antecipação em padrões profundos do inconsciente coletivo, sendo uma ponte não-racional entre o inconsciente e a consciência²⁷. Desta forma o Tarot é visto como uma forma de ampliação das percepções humanas. Quando o alquimista procura pelo ouro, procura o ouro da alma humana; quando o astrólogo analisa constelações e planetas, analisa as constelações e planetas na alma humana; quando o cabalista fala no Nome de Deus, imagina o Nome na alma humana e na Natureza. Dessa forma vemos que a Alquimia, a Astrologia, a Cabala e a Magia são sistemas paralelos da metafísica e psicologia e simbolicamente representados pelo Tarot.

Muitos comentaristas do Tarot acreditam que ele é um sumário das quatro Ciências Herméticas: Cabala, Astrologia, Alquimia e Magia. Sua relação com a Cabala estaria nas letras do alfabeto hebraico ou nos vinte dois caminhos que ligam as Sephiroths com os arcanos maiores. Na Alquimia, nomes de metais, ácidos e sais estariam relacionados, e os quatro naipes - Ouros, Espadas, Copas e Paus - e as quatro figuras dos arcanos menores - Rei, Dama, Cavaleiro e Valeta - correspondem aos quatro elementos alquímicos – Terra, Ar, Água e Fogo. Na

²⁷ “L'inconscient , ou quoi que l'on veuille désigner par ce terme , se présente à l'auteur sous sa forme poétique , tandis que je le considère principalement sous son aspect scientifique ou philosophique , ou plus précisément religieux . L'inconscient est assurément la Pammeter , la Mère de Tout (c'est à- dire de toute la vie psychique), qui est la matrice , l'arrière-plan et le fondement de tous les phénomènes différenciés que nous appelons psychiques : la religion , la science , la philosophie , l'art ...” (link: <http://www.rubedo.psc.br/Artigos/subjenar.htm>)

Astrologia e na Magia, planetas e constelações seriam representadas pelo Tarot, assim como os bons e maus espíritos.

2.2 Cabala²⁸:

Num manuscrito à tinta²⁹, aparece a árvore cabalística anotada. A Árvore da Vida é a síntese de Adam Kadmon, o homem arquetípico, o microcosmos, e também o macrocosmo. É formada pelas dez emanções de Ain Soph, chamadas Sephiroth, enumeradas na ordem que descende o raio de Deus para criar o mundo. 1. Kether – coroa, 2. Chockmah – sabedoria, 3. Binah – entendimento, 4. Chesed – compaixão, 5. Geburah – juízo, 6. Tiphareth – beleza, 7. Netzach – vitória, 8. Hod – esplendor, 9. Yesod – fundação, 10. Malkuth – reino. A essência delas é universal, mas o que muda é a emanção de cada Sephirah. A Cabala ensina que o Universo – criado pelas letras e através das emanções - funcionaria de acordo com certos princípios supremamente poderosos - Sephiroth. Ao entender como funciona esse esquema e aprender a atuar de acordo com ele, a vida melhoraria e a plenitude seria alcançada.

As 10 inteligências ou Sephiroth que emanam de Deus (Deus, sendo perfeitíssimo, profanar-se-ia em contato com o mundo da criação. E, como queria criar, valeu-se para isso da mediação das Sephiroth.)
m%³⁰ = [sic] deus angustiável, m% = sustentar-se de solidão

Acredito que essa nova visão de um Deus que não age diretamente no mundo, que não tem contato direto – contrário ao que é aprendido em religiões como a Católica – e o que parece perturbar Joãozinho neste trecho. Nos estudos místicos, uma das maiores dificuldades está em aceitar novas definições de Deus. Talvez isso ocorra porque é algo que, na maioria das vezes, aprendemos desde pequenos a não contestar. Inclusive, muitas vezes, pessoas desistem de seguir o

²⁸ Cabala - ou Kabbalah, Qabbala, cabbala, cabbalah, kabala, kabalah, kabbala, QBLH – significa em hebraico recepção, tradição, “conhecimento transmitido oralmente, não revelado a todos” (Cavendish, p.109). A Cabala clássica surge na Europa, França e Espanha principalmente, no final do século XII.

²⁹ IEB, pasta E-18 (1)

³⁰ Nas anotações são encontradas diversas vezes o símbolo m%. Acredita-se que isso signifique “meu cem por cento”. Eu prefiro tomar apenas como: meu por cento. Ou seja, a sua porcentagem no pensamento de outrem.

caminho do misticismo porque temem largar a imagem de um senhor de barbas brancas sentado no seu trono observando o mundo, para agarrar-se à imagem de uma energia inteligente que só pode ser alcançada com a purificação energética de seu espírito.

Joãozito anota ainda: “as ’50 portas da luz’, as ’32 sendas da sabedoria’, as ’72 portas da esquerda’, as ’72 portas da direita” “As 22 letras do alfabeto hebraico, as ‘7 portas da alma’ = olhos, narinas, ouvidos e boca, ‘as 12 fronteiras do espaço’ (m% = título), ‘as 12 arestas do cubo’. Essas numerações são usadas para pensar a Magia e a Cabala, funcionando como imagens-mágicas, a que só iniciados têm acesso.

“CABALA: filosofia cabalística, a Cabala filosófica hebraica, o misticismo cabalístico (Alenxandria), (o persismo = mazdeísmo)”. Sabe-se que, por mais distante que possa parecer, o sistema dualístico de poderes divinos bons e maus, do qual provém o Zoroastrismo, pode ter influenciado a Cabala. Na Árvore da Vida, isso se apresenta pelo lado direito, que é fonte de luz e pureza, e o esquerdo, que é fonte de escuridão e impureza. Continua Joãozito: “O conhecimento absoluto não é um objeto, mas é um meio.” “O Papa Leão X empreendeu o estudo das línguas orientais para decifrar os segredos da teosofia cabalística”.

“A *Sepher Jezirah*” – *Sepher Yetzirah* – “*Livro da Criação* representa um dos sistemas cabalísticos.” Este livro é um dos mais antigos tratados de Cabala. Apesar do nome significar *Livro da Formação*, não fala da Gênese e sim, de um aspecto da origem do Universo e da humanidade e que o mundo é uma emanção de Deus. Ele mostra que cada letra sugere um número e que cada grupo de letras tem um significado numérico, dessa forma, há um sentido escondido nas Escrituras, cuja interpretação ele procura ensinar através de métodos específicos de interpretação.

Em tinta preta Joãozito prossegue escrevendo: “CABALA (hebr: cabbalah, tradição), Cabala = (fig.) cálculo supersticioso para adivinhar uma casa; negociação secreta e artificiosa. (espanhol = Cabala), Cabalistas { Pico de Mirándola e Reuchlin.” Pico della Mirandola (1463-1494) era mestre da Academia Platônica de Florença e Johannes Reuchlin (1455-1522) foi um notável

hebraísta, autor de *De verbo mirifico*³¹ e *De arte cabbalistica*, que divulgou amplamente a Cabala no universo cristão.

“Cabala especulativa { artificial ou simbólica, real ou dogmática e Cabala prática” “os sentidos recônditos relativos à Sagrada Escritura” A Cabala especulativa investiga os sentidos ocultos nas Escrituras e os mistérios da Natureza e da Criação. Para decifrá-los é necessário usar algumas regras combinatórias. A Cabala prática trata da magia talismânica e cerimonial.

E termina com: “As 10 Sephiroth (emanações graduais de Deus), a 10ª Sephira une as 9 restantes unidades e constitui o mundo material: é chamada ‘Reino’ y Reina é Matrona.”

2.3 Yoga³² e Prece³³:

Na cópia de uma caderneta pequena e quadriculada pertencente ao arquivo da Casa de Rui Barbosa, sob o registro 2300, podemos notar que ele copia um texto em inglês sobre a Karma-Yoga e recorta textos de jornais – de 27 e 28 de dezembro de 1952 – sobre fatos extraordinários como o da menina de cabelos negros, nascida numa família inteiramente loira, que ganha uma bicicleta ao rezar para Deus. E o azar de um passante que lhe cai na cabeça uma bandeja depois de um dia inteiro cheio de “azares”. Ainda há um recorte impresso do Dr. Alexis Carrel³⁴ sobre o poder da oração e recortes sem título e em espanhol sobre não

³¹ Apesar da Inquisição, no seu livro ele mostra, com base na Cabala, a divindade de Jesus, o messias anunciado na Escritura. Por métodos cabalísticos o nome de Jesus é em hebraico *Yeshuah* e pode ser obtido a partir do tetragrama sagrado do nome de Jahvé – YHVH - com a inserção da misteriosa letra *shin*, a terceira letra-mãe do alfabeto hebraico (as outras duas são *aleph* e *mem*).

³² Yoga é uma doutrina filosófica que significa a união com Deus. Sua finalidade é a busca do equilíbrio entre corpo e alma, pretendendo unir o homem à divindade. Também é a prática da meditação como meio condutor à liberação espiritual, que pode causar poderes psico-espirituais e estados de êxtase que conduzem às verdades eternas.

³³ Prece significa pedido, súplica. Segundo espiritualistas, através dela nos pomos em contato com Deus por meio de emissões eletromagnéticas. Quanto maior a fé, maior será a carga da emissão.

³⁴ O médico-cirurgião Alexis Carrel (1873-1944), Prêmio Nobel de Medicina em 1912, considerava-se cético quanto ao misticismo e aos milagres. Conta-se quando chegou em Lourdes pôde experimentar uma cura que não poderia ser explicada pela Medicina. Essa experiência está relatada em *Le Voyage de Lourdes suivi de Fragments de Journal et de Meditations*, lido por Rosa, que também leu a versão francesa de *A Oração - Seu Poder e Efeitos*. Neste, Carrel relata o quanto é difícil separar a ação curativa do remédio do efeito curativo da oração. Contudo, regozija-se com o paciente que ora, porque, em suas observações, notou que isso facilita o processo de cura: “A oração verdadeira é um caminho da vida; a vida verdadeira deve ser um meio

prejudicar o próximo, pensar bem do inimigo, meditação,... Há trechos de textos: *A new model of the universe* de Ouspensky, e sobre Raja-Yoga e Karma-Yoga. Das sete linhas de Yoga existentes, pelas análises pessoais de Joãozito ao longo das anotações, podemos notar que ele procurava seguir as duas: a Raja-Yoga e a Karma-Yoga.

A Raja-Yoga é a suspensão dos fenômenos que ocorrem na mente, esclarecendo o segredo sobre o espírito e desenvolvendo poderes da mente. Os praticantes buscam uma mente saudável, força de vontade e concentração para manter o poder sobre o corpo. A Karma-Yoga ensina a seguir uma conduta, uma ação perfeita, pois há sempre uma consequência para suas ações e a prática da ação sem esperar por seus frutos liberta do medo e do pesar. Dessa forma, o praticante da Karma Yoga deve se libertar da ambição, do desejo, da raiva e do egoísmo e ter coração e a capacidade de amar a sociedade.

Dois livros sobre yoga foram encontrados na biblioteca de Joãozito. Um deles é: *Les Yoges pratiques (Karma, Bhakti, Raja)*, escrito por Swami Vivekananda (1863 - 1902), um monge, iogue e filósofo hindu importante para o hinduísmo moderno, pois foi ele a divulgá-lo no Ocidente pela primeira vez e ainda foi o idealizador do movimento espiritualista universalista. Seu pensamento parte do pressuposto de que existe a unicidade entre Criador e Criação. Ele ainda procurava criar convergências entre o pensamento Oriental e Ocidental acerca da Ética e da espiritualidade. Trabalhou os quatro principais ramos da Yoga: Karma Yoga, Bhakti Yoga, Jnana Yoga e Raja Yoga.

O outro título foi escrito por um brasileiro, Caio Miranda. *A libertação pelo Yoga* – lançado numa época em que não eram muito comuns livros de auto-ajuda e yoga – conta, por meio dos conhecimentos esotéricos como reencarnação, corpo etérico e yoga – como trilhar o caminho do autoconhecimento. Também possui alguns exercícios práticos de Hata-Yoga, Pranayama e Meditação.

de oração”. Ainda sobre preces e orações, Joãozito leu W.E. Entzinger, autor de *A prática da oração*, em que escreve: “Um homem pode orar sem ser crente, mas nenhum homem pode ser verdadeiramente cristão sem orar.”

2.4 Anotações especiais:

³⁵Em 7 de junho de 1955 relata que encontrou a solução de um problema, dado por Alpha: “Beleza (fem.) –Tentação – Transelevação: incorporação e outro Plano, única maneira de possuir, renúncia em alpha = POSSE!”.

Como traduzo: a beleza é uma tentação que nos persegue e escraviza, por isso, precisa ir além da elevação, incorporar o astral, atingir esse plano, porque, dessa forma, atingirá a verdadeira beleza no plano das idéias, que de fato será sua e não passageira como a beleza do plano material. Mas para atingir esse plano, é preciso renunciar a tudo, inclusive a si mesmo, como avisa Jesus num dos Evangelhos. *"Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncia a si mesmo, tome sua cruz e siga-me"* (Marcos 8:34).

Também no caderno de anotações 2300, em 18 de março de 1956, enumera pensamentos de como se relacionar com os outros e sobre como deve agir na vida. Provavelmente, seguindo as leituras que fez em relação ao Karma-Yoga sobre amar as pessoas e fazer boas ações, Joãozito, neste trecho que parece um mantra, nos mostra que não adiantava ler sobre o misticismo e não ser místico 24 horas por dia.

alpha, alpha, alpha

AMOR. Paciência (todos são mandados por Deus. Ninguém é injusto nem errado, nem importuno).

Mesmo a cordialidade deve ser digna, discreta, paciente.

Cordialidade verdadeira: sem nenhum sentimento de superioridade (nem internamente).

“Deles guardar absoluto silêncio de todos teus assuntos personales. Absteneste como si hubieras hecho juramento solemne, de referir a los demás, aun a tus más íntimos, todo cuanto pienses, oigas, sepas, sospeches, aprendas o desembras (m% = prefieras, pretendas, etc). Por um largo tiempo al menos debes ser como CASA TAPIADA o JARDIN SELLADO. Es regla de suma importancia.”

Eitelsit. Combater, mesmo a indireta.

Não elogiar. Não galantear.

Não crer na ação da palavra. (Só alpha)

Não procurar “aquecer-me” (com os outros).

O importante é o maná de cada hora (em atividade alpha e Graça!)

Medit. – O desejo (em casos, coisas, fatos isolados) é o que nos escraviza ao Tempo. [sic]

³⁵ Presente na caderneta de número 2300, arquivada na Casa de Rui Barbosa.

Sob a data de 10 de agosto de 1957:

“Não deixar a carnal mind reagir primeira a nenhuma surpresa de assunto! (Seja o aviso de um caso urgente, de um trabalho urgente ou importante a fazer, etc. Seja, ante uma simples notícia ou aviso, de qualquer coisa aparentemente boa ou má!), m% - o centro do ciclone: serenidade!”.

Gosto de comparar essas anotações pessoais com a visão de Foucault sobre a obra de Santo Atanásio, *Vita Antonii*. Tanto em Joãozito quanto nos escritos do santo, há a importância da anotação das ações ou pensamentos reflexivos sobre como agir. Para Santo Atanásio, devia-se observar e anotar para que se pudesse meditar sobre o escrito e melhorar suas atitudes na vida, o que era indispensável para uma vida ascética de cunho místico. Assim, Joãozito parecia ser uma pessoa extremamente preocupada com questões místicas e em se tornar uma pessoa melhor. Isso é confirmado pelos relatos de sua filha, ou seja, ele procurava exatamente agir como escrevia nos seus cadernos. “Cuidava muito de olhar-se no espírito. Era um severíssimo juiz de si mesmo.” (Rosa, Vilma, p.34) E, “Os princípios fundamentais de sua vida eram os de sua formação cristã. O amor ao trabalho, o respeito à dignidade humana, a ternura pela vida em todas as suas formas, em todas as suas manifestações. O viver seriamente, sem esquecer a necessidade do sorriso.” (Rosa, Vilma, p.36).

2.5 Trechos de livros por ele copiados:

Pude encontrar as seguintes anotações³⁶:

- 1) “Para cima não se vai – volta-se”, Neynes, *O caminho de Gilgamesh*.
- 2) “Lo que se mira y no se vê, se llama I. (...) ni fin”. Lao-Tse, o *Tao-te-king*. O livro foi escrito há 2.600 anos, significa: *Ching* (livro, escrito, manuscrito), *Tao* (Infinito, a Essência, a Consciência Invisível, o Insondável, o como, de como as coisas acontecem). Literalmente, portanto, significa o livro de como as coisas funcionam, e mostra como as coisas no Universo funcionam

³⁶ As anotações de 1 a 9 estão nas folhas manuscritas à tinta azul arquivadas no IEB, na pasta E-18 (1). As anotações do item 10 estão no caderno 2300 que se encontra na Casa de Rui Barbosa.

segundo o Tao. Também significa *O Livro que Revela Deus* e *O livro que leva à Divindade* e é feito de 81 pequenos aforismos³⁷.

3) “Tens nome de vivo, e és morto.”, *Apocalypse*.

4) “(VITA NOUVA = P.77)” Deve ser, provavelmente, o livro que Dante Alighieri escreveu, já que nas cartas de Bizzarri ele se mostra conhecedor do autor italiano. *La Vita Nuova*, que consta na biblioteca do autor³⁸, narra o amor dele por Beatriz, que aparece na obra, de acordo com várias sucessões numéricas, como um milagre divino. A numerologia também aparece quando Dante tem uma visão profética da sua morte. Segundo alguns críticos, como Edmund G. Gardner – em *Dante and the Mystics* - a ligação mística de Dante é feita através do pensamento Rosacruz e o livro *Vita Nuova* seria uma expressão de uma experiência mística, como *La Divina Commedia* foi.

5) “En verité, je ne serais pas surpris que ce que dit Euripide fût vrai: Qui sait si la vie n’est pas une mort et la mort une vie?”, PLATÃO, *Górgias*, p.278. Essa é uma das maiores obras de Platão e também uma das mais longas - só a *República* e as *Leis* são maiores. Também é um texto fundador de duas áreas da filosofia; teoria ética e teoria política. Existe a anotação de mais um trecho longo de *Górgias*, que é seguido de: “1.Phyrseus ou Polyidus?, 2.Talvez Philolais, 3.Empédocle, 4.trocadilho, 5.trocadilho” “= Les scholiers de Platon nos apprennent que ses vers sont tires d’une tragédie intitulée Phyrseus, et le scholisciste d’Euripide les citent comme appartenant à une tragédie intitulée Polyidus.” Polyidus, pelo que se sabe, escreveu: *Gorgiae Leontini libri Peri physeos e tou me ontos quae superstent*. Philolaus (480 a.C.) era um filósofo grego da Escola Pitagórica, que trabalhava com teoria de números. Ligando o que

³⁷ Lao Tse ou Lao Tzu – que teria vivido por volta do século VII aC – e seu *Tao Te Ching* seguem um estilo místico. Seu pensamento se baseia no panteísmo e numa vida contemplativa e na supressão de desejos. É importante avisar que, apesar da relação profunda com o Taoísmo, Lao Tse não o criou, mas foi de sua filosofia que este se originou. O Tao é visto como um caminho, uma senda, que foge do conceito tradicional de Deus, sendo descrito como “um princípio inimaginável, inarrável, eterno e absoluto, que não pode ser compreendido, já que qualquer tentativa de classificá-lo, cria uma dicotomia que não pode existir em algo Eterno e Absoluto”. (site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tao_Te_Ching) Ele prega ainda a vida sem grandes questionamentos – sejam morais ou filosóficos –, o “não-agir” (wu wei) isto é, entregar-se ao curso natural do Universo. Segundo o Mestre Wu Jyh Cherng, nesta obra “Lao Tse propõe a apreensão do mistério: suas palavras superam a própria forma, o próprio texto.” (idem) O livro foi gravado em réguas de bambu, mas como elas foram embaralhadas, hoje ninguém sabe a sua ordem exata.

³⁸ Ainda pode-se encontrar os seguintes títulos de Dante: *La Divina Commedia*, *Rime* e no volume de *Vita Nuova* encontra-se também *Opere Minori*.

aprendeu com Pitágoras e com Empédocles sobre os quatro elementos, criou uma ligação importante no esoterismo dos elementos relacionados com as formas geométricas. Além de ter suposto planetas orbitando no centro de um fogo – “esfera de estrelas fixadas, os cinco planetas, o som, a lua e a Terra, movem ao redor de um fogo central, a casa de Zeus” – criou calendários lunares de 354 dias e solares de 365 dias. O terceiro item se refere a Empédocles de Agrigento (492 a.C.), um estudioso da *physis*, teórico da biologia, orador, profeta e médico. Descobriu o labirinto interno do ouvido, a teoria dos quatro elementos – água, fogo, ar e terra, bases do misticismo – e acreditava que existia a reencarnação para o homem purificar-se para a alma voltar à origem divina.

6) “Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas coisas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.”, S.Paulo, *Coríntios II*, 4,18.

7) “Now we have no emotional life, but only an imitation.”, Ouspensky, *The Forth Way*. “All our life is based on this illusion. We always think that we are doing when, in reality, we are not doing anything – everything happens.” Ouspensky³⁹ era matemático e místico.

8) “Que aún la vida te espera que no has vivido, corre, jinete iluso, corre dormido...”, Leopoldo Panero, *Villancicos del jinete iluso*.

9) A anotação *PÁRAMO* possui várias letras do alfabeto grego. O ômega está relacionado por ele a Platão em *Górgias*, o Psi e o Chi não parecem estar ligados a nada. Depois o símbolo que parece o infinito está seguido da citação dos *Coríntios II*. O *Tao* a *Górgias* também (Talvez estejamos mortos...), Beta ao *Neynes* e Alpha a *Ouspensky*.

10) “p.22 Essai d'autobiographie spirituelle – Berdiaev”. “Dieu est une force libératrice, clarifiante et transfigurante et non repressive et despotique.” p.28 – Cada acontecimento é uma pergunta que Deus nos faz. p.35 - ! Salvation! Thank God” Nicolas Berdiaev era de uma família da alta aristocracia de Kiev, que aos 20 anos conhece o marxismo e se volta contra a sociedade burguesa da época. Depois

³⁹ Depois de se separar de seu mestre e criar o pensamento do Quarto Caminho, Ouspensky escreveu: “Eu percebi que havia encontrado um sistema de pensamento completamente novo, que ultrapassava tudo que conhecera antes. Este sistema lançou uma nova luz na psicologia e esclareceu o que antes não havia entendido das idéias esotéricas”.

se resguardou na espiritualidade, crendo que o espírito é um ato criador e emanado de Deus, ao invés de ter sido criado por ele como a Natureza.

3. Um hexágono de Babel:

Baseada na lista da biblioteca-espólio estudada por Sperber, resolvi fazer uma pequena pesquisa sobre alguns dos títulos presentes, os que me pareceram mais interessantes, para que pudessem falar um pouco sobre o estilo de leitura que Joãozinho seguia e de que forma isso poderia ter influenciado sua visão de mundo. Dividi entre leituras Ocidentais e Orientais.

3.1.1 Ocidente: filósofos, místicos e religiosos

Uma das leituras mais conhecidas e analisadas de Joãozinho é a do filósofo, diplomata francês e ganhador do Nobel de Literatura em 1927, Henri-Louis Bergson (1859-1941). Dele Joãozinho teria lido *L'énergie spirituelle* e *Le Rire – Essai sur la signification du comique*. Normalmente, Bergson é mais conhecido por seus livros *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*. Mas no livro *L'énergie spirituelle* é que vamos encontrar maior articulação com a obra de Rosa. A filosofia de Bergson mantém um diálogo constante com o positivismo oitocentista e com o espiritualismo francês, procurando acabar com o abismo entre o conhecimento científico e a metafísica. A realidade para ele é a duração real e isso pode ser notado na consciência, onde se localizam a experiência unida à intuição. E esta seria a alma da verdadeira experiência, “o acto que nos coloca dentro das coisas; não um acto estático, mas uma actividade viva, a própria duração da realidade” (site)⁴⁰. Em Bergson, “o homem é capaz de superar o domínio da inteligência e de guardar o impulso criador, superando o nível estático da moral e da religião até transcender plenamente o *élan vital*, o impulso vital, que, definitivamente, é de Deus, se não é o próprio Deus.” (site)⁴¹

Ao mesmo tempo que Bergson consta nas suas estantes, vemos o escritor e filósofo francês Julien Benda (1867-1956), autor de *La fin de l'Eternel*. Benda

⁴⁰ Link: http://www.vidaslusofonas.pt/henri_bergson.htm

⁴¹ Link: http://www.vidaslusofonas.pt/henri_bergson.htm

criticava implacavelmente Bergson – *Le Bergsonisme, Une philosophie de la mobilité, Une philosophie pathétique* e *Sur le succès du Bergsonisme* –, principalmente o intuitismo bergsoniano, baseando-se em Descartes e Espinosa e, seguindo o pensamento racionalista, sugere a idéia de que há uma verdade universal a ser descoberta. O que parece estar de comum acordo com Joãozito é o fato de tanto ele quanto Benda possuírem idéias similares sobre a posição do intelectual no mundo. Ambos achavam que o intelectual deveria defender não o nacionalismo ou uma determinada política⁴² – por mais que alguns possam achar que Joãozito o faz quando trabalha o sertão – e sim, os valores ou verdades eternos e universais que estariam sendo ameaçados. Benda escreve sobre isso no livro *La trahison des clercs*.

A favor de Bergson, Joãozito teria lido Emile Brehier, pensador francês, de *La philosophie de Plotin*, que era uma espécie de seguidor de Bergson e que notou a relação entre o bergsonismo com o neoplatonismo. Também há o Conde de Keyserling (1880 - 1946), filósofo alemão e autor de *Das Reisetagebuch eines Philosophen* e *Del Sufrimiento a la Plenitud* – volumes da biblioteca de Rosa. Ressoando na “filosofia de vida” de Bergson, este escreve que apenas com o renascimento do espírito antigo da sabedoria poderá atingir-se um novo impulso espiritual que não o intelectualismo.

Muito do seu pensamento também pareceu inspirar-se nas leituras do filósofo russo e pertencente ao movimento católico, Nicolas Berdyaev (1874-1948). Principalmente em *Spirit and Reality*, que é lido tanto por filósofos existenciais quanto por teólogos ortodoxos. Berdyaev era contra o materialismo, que destrói o espírito eterno, e acusa o espírito burguês de ter em sua essência a busca pelo material, transformado numa idolatria.

Enquanto Joãozito teria lido filósofos conhecidos do grande público como Bergson, Platão e Nietzsche, ele também teria lido aqueles que nem todos conhecem, como o autor de *Le Phénomène Humain*, Pierre Teilhard de Chardin (1881- 1955). Padre jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês que articulava suas idéias entre ciência e teologia⁴³. Segundo Chardin, a Terra seria

⁴² Vide a entrevista com Günter Lorenz, p. 28 e p.50

⁴³ "Aparentemente, a Terra Moderna nasceu de um movimento anti-religioso. O Homem bastando-se a si mesmo. A Razão substituindo-se à Crença. Nossa geração e as duas precedentes quase só ouviram falar de conflito entre Fé e Ciência. A tal ponto que pôde parecer, a certa altura, que esta era decididamente chamada a tomar o lugar daquela. Ora, à medida que a tensão

composta por várias camadas esféricas: Barisfera ou núcleo metálico terrestre; Litosfera ou camada de rochas; Hidrosfera ou camada de água; Atmosfera ou camada de ar; Biosfera ou esfera da vida; Noosfera ou esfera do pensamento ou espírito humano: Cristosfera ou esfera do fenômeno cristão.

Na sua biblioteca ainda podem-se encontrar outros dois filósofos de base religiosa: Macrobo, autor latino de *Les Surnaturels* vol. I e II, que foi Vicário de Espanhas em 399 d.C. e vice-consul na África. Ele escreveu sete livros que remontam um banquete acadêmico em que são discutidos assuntos históricos e filológicos, principalmente Virgílio. O outro é um monge beneditino, Odo Casel, escritor de *La véritable image de l'homme*.

Temos ainda A.I. Festugière, autor de *La Sainteté* – que estudou a tradição grega dos séculos I e II, principalmente em Plotino, e as escolas herméticas – que partindo de Platão, escreve sobre a natureza da alma, a encarnação, a sorte da alma e a escatologia. E mais contemporâneos, encontramos na estante filosófica incomum de Joãozito: *Philosophy in a New Key, A Study in the Symbolism of Reason, Rite and Art*, alguns dos livros da pensadora americana Suzanne K. Langer.

Joãozito possui vários pensadores gregos em sua biblioteca, mas alguns chamam mais atenção por causa do seu envolvimento com o misticismo – a favor ou contra. Um destes casos contra é o do cético Cícero. Dele teria lido, além de *Académiques* e *Correspondance*, *De la Divination* que é um diálogo sobre a validação da divinação através de práticas como a das leituras em víceras de animais, observação dos pássaros, astrologia, etc. – o próprio Cícero não parece muito convencido, achando que se trata mais de uma superstição do que uma religião e ainda explicita o fato da religião estar sendo usada como uma forma de controle do comportamento humano e político –; *Du Destin*, fragmentos sobre o livre-arbítrio humano e se teorias de causa e conceitos de verdade e falsidade – neste textos Cícero parece rejeitar o Destino como determinante das nossas ações e que humanos possuem livre-arbítrio – e *De la Nature des Dieux*, diálogo sobre religiões, mostrando vários tipos existentes em sua época, dando maior ênfase ao

se prolonga, é visivelmente sob uma forma muito diferente de equilíbrio – não eliminação, nem dualidade, mas síntese – que parece haver de se resolver o conflito." (Teilhard de Chardin, *O Fenômeno Humano*) (link: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teilhard_de_Chardin)

pensamento epicurista – os deuses existem, mas seriam indiferentes aos humanos – e estóico – os deuses governam o mundo, amam os homens, e depois da morte recompensam aqueles que foram bons e punem os que foram maus.

São muitos os místicos lidos por Joãozito e de diversas áreas do pensamento. Maître Eckhart, ou melhor, mestre Eckhart (1260-1326), por exemplo, era parte da ordem dos dominicanos e escritor de *Traités et Sermons*. Sua retórica estaria envolvida com uma mística que transcende as religiões, o que foi condenado pela Inquisição, durante o pontificado do papa João XXII. Ele possui larga influência do platonismo e de Hildegarde de Bingen (1098-1179) e de Marguerite Porete (queimada em Paris, em 1310). Na mesma estante há o padre lisboeta Manuel Bernardes (1644-1710) que escreveu vários tratados sobre espiritualidade e vários guias morais. No total são dezenove volumes, entre os quais *Exercícios Espirituais e Meditações da Vida Purgativa*, *Os Últimos Dias do Homem*, *Luz e Calor*, *Estímulo Prático* e *Nova Floresta*, fazem parte da biblioteca de Joãozito.

Podemos encontrar *Progresso na Vida Espiritual*, que foi escrito por Frederick William Faber (1814-1863), autor de hinos e teólogo inglês. E o escritor de *O Mundo Interior – Ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito*, Raimundo de Farias Brito (1862-1917). Enquanto aquele teve uma vida sacerdotal e escreveu textos sobre tal, este é um teórico da “psicologia transcendente”, criada para analisar a metafísica e a filosofia do espírito. Segundo a visão de Brito, o espírito é "a energia que sente e conhece e se manifesta a nós mesmos como consciência, e é capaz de sentir, pensar e agir" (site⁴⁴), capaz de ação e de criar, e a arte seria essencialmente espiritual, uma visão inconsciente e profética da realidade.

J.W.Dunne (1875-1949), autor de *Nothing Dies*, era parapsicólogo que estudava as implicações dos sonhos para sobreviver à morte. Escreveu também o livro *An Experiment with Time*, sobre suas próprias experiências com sonhos e a conclusão de que elementos precognitivos são frequentes nos sonhos. Ainda desenvolveu a teoria do *serialismo* - onde o livro que Rosa teria lido estaria encaixado – que trata das diversas dimensões no tempo, podendo dar extensões do

⁴⁴ Link: <http://www.consciencia.org/o-mundo-interior-farias-brito>

passado e do futuro no presente. Próximo a ele, em anos, estaria Maurice Magre (1877-1941), poeta, dramaturgo francês e autor de *La beauté invisible* e *Les interventions surnaturelles*.

Ainda do século XIX, há Emmet Fox (1886-1951), que era ministro da Igreja da Ciência Divina e grande escritor sobre espiritualidade, cujos ensinamentos se tornaram de grande influência no início do "Alcoólicos Anônimos". Dele Joãozito teria lido: *Les Dix Commandements – La Clef de la Vie*, *Power Through Constructive Thinking*, *The Sermon on the Mount* e *The Zodiac and the Bible*, *The End of the World*. Formado em engenharia elétrica, ele se interessava pelos fenômenos de cura através do poder da mente e da oração. Chegou a estudar a filosofia do Novo Pensamento, que acredita numa espécie de presenta universal de uma energia criadora em tudo e em todos.

Do século XX, Joãozito teria lido Thomas Merton (1915-1968), o escritor de *Ascensão para a Verdade*, que era um monge que mantinha um diálogo inter-religioso com Dalai-Lama, Thich Nhat Hanh e D. T. Suzuki. Teria lido ainda Mabel Collins, autora de *Luz no Caminho*, uma romancista mais conhecida pelos seus livros sobre misticismo e amiga de Helena Petrovna Blavatsky, o que lhe deu base para boa parte dos seus romances.

Na lista de místicos e religiosos brasileiros encontramos três nomes em especial: Dom Marcos Barbosa, um monge beneditino, poeta e tradutor mineiro, que foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Dele, teria lido os livros: *Mãe Nossa, que estais no céu* e *Para preparar e celebrar a Páscoa*. De uma das médiuns brasileiras mais importantes, Yvone Pereira⁴⁵, teria lido *Memórias de um Suicida*, sobre como é a experiência de um suicida após a morte do corpo. Outro grande nome do Espiritismo brasileiro é o de Edgar Armond, autor de *Os Exilados da Capela – Esboço da Evolução Espiritual do Mundo*. O livro de Armond –comandante do Exército Brasileiro e ideólogo da União das Sociedades Espíritas, da Federação Espírita do Estado de São Paulo e a Aliança Espírita Evangélica – conta como teria funcionado o processo evolutivo das civilizações primitivas e seu intercâmbio com espíritos de outras orbes – alguns vindos de um sistema chamado Capela, que haviam sido exilados e deveriam tomar seu

⁴⁵ Médium que se dedicou à desobsessão, à psicografia, ao receituário homeopático, à incorporação, ao passe, à psicofonia e à materialização. Era envolvida com o Esperanto e se correspondia com outros esperantistas.

aprendizado na Terra em meio a civilizações mais ignorantes. Seriam provenientes desses exilados as civilizações chinesa, hindu, hebraica, egípcia e uma parte dos árias – celtas, latinos, gregos, eslavos, germânicos –, o que explicaria o seu elevado conhecimento em áreas científicas e artísticas.

Assim como *Memórias de um Suicida*, de Yvonne Pereira, *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec e dois livros psicografados por Chico Xavier, *O consolador, ditado pelo espírito de Emmanuel* e *Agenda cristã, ditado pelo espírito de André Luis*, são os livros relacionados ao Espiritismo Kardecista que encontramos.

3.1.2 Ocidente: biografias e ficções

Joãozinho também teria lido romances, contos e poesias de temática mística, ou em que o misticismo estivesse relacionado de alguma forma. Mas o mais impressionante são a quantidade de biografias ou memórias em sua biblioteca, principalmente a de místicos, como o livro de memórias – *Journal* (Memoranda) - de Jules-Amédée Barbey d'Aurevilly (1808-1889), um romancista francês especializado em histórias de mistérios com toques de sobrenatural.

Podemos encontrar também os textos de santos como do Santo Francis de Sales (1567-1622), que foi bispo em Genebra e tentava converter os protestantes ao catolicismo. Dos seus textos religiosos, Rosa teria lido *Introduction à la vie dévote*. Rosa ainda teria lido outros santos como: Santo Alberto, o Grande, São Bernardo, São Bonaventura, São Francisco de Assis, São Simão, São Vicente de Paula, Santa Teresa de Jesus, entre outros. E teria lido Romano Guardini, um padre que fez seu doutorado em Bonaventura e que era professor de filosofia da religião. Entre os livros que escreveu: *Introdução à Oração*, *Le Seigneur*, *Méditations sur la Personne & La Vie de Jésus-Christ* vol.I e vol.II estão na biblioteca. Sobre Jesus há ainda *Jesus Desconhecido*, de Dimitri Merejkovsky. Neste livro o autor analisa a maior figura cristã, procurando por fatos que provem a existência do homem Jesus e das pessoas que pregaram as suas palavras depois.

Dois são os livros de ficção que remontam aos ensinamentos judaicos. *Melmoth, l'homme errant* é uma novela gótica de 1820, escrita por Charles Robert Maturin. Ela segue o arquétipo do judeu errante, contando a história de John Melmoth, um professor que troca sua alma por 150 anos de vida a mais e que ele

acaba por gastar atrás de alguém que aceite assumir seu pacto. Os outros são *Der Golem* e *La notte di Valpurga*, de Gustav Meyrink – pseudônimo do escritor austríaco G. Meyer (1868 -1932), protestante convertido ao budismo, que escrevia sátiras e obras de ocultismo e magia. Essa novela, que se baseia num dos maiores mitos analisados pela Cabala, o Golem⁴⁶, conta a história Athanasius Pernath, um artista de Praga, que acredita estar se tornando um golem.

Ainda há as obras de Werner Bergengruen (1892-1964), *Am Himmel wie auf Erden* e *Der letzte Rittmeister*, de caráter contemplativo e metafísico. E de Angelus Silesius - o pseudônimo de Johannes Scheffler, poeta e místico germânico do século XVII, o *Pelerin Cherubinique* (*Cherubinischer Wandersmann*). Pôde-se encontrar também três volumes da obra de Georg Philipp Friedrich von Hardenberg (1772-1801), mais conhecido por Novalis: *Hymnen and die Nacht – Die Christenheit oder Europa*, *Petits écrits* (*Kleine Schriften*) e *Henri d'Ofterdingen* (*Heinrich von Ofterdingen*).

Curioso é um livro específico que encontramos na sua biblioteca. Um romance sobre o ateísmo, em favor do ateísmo. *Niels Lyhne* (*Entre la vie et le rêve*) do ateu Jens Peter Jacobsen (1847-1885), que é uma crítica ao ateísmo positivista e mostra a angústia diante da eternidade, o estado de pequenez do homem, a dor de existir que é representada por seu personagem Niels. “Sem lar na terra, sem Deus no céu, sem nenhum objetivo no futuro!” (site⁴⁷)

De todos os místicos encontrados em suas prateleiras, o mais interessante talvez seja Jan van Ruysbroeck, o Admirável. Ele era um místico belga procurado por várias pessoas em busca de orientação espiritual, já que havia se tornado um eremita. Joãozinho tinha quase a coleção completa de seus tratados de caráter místico e simbólico, sobre a vida contemplativa, a fé, a alma como espelho da imagem de Deus, as moradas da alma, os dons do espírito, as renúncias e as virtudes.

⁴⁶ Criatura criada por um rabi a partir de uma palavra inscrita em sua testa.

⁴⁷ Link: <http://pt.shvoong.com/books/novel/1297433-niels-lyhne/>

3.2 Oriente:

Os livros de caráter oriental presentes em suas estantes podem ser divididos em três grupos: indianos, chineses e árabes.

Entre os livros indianos sobre Yoga, encontramos uma versão em francês do *Chāndogya*, um dos Upanishads – upa-: próximo, ni-: baixo, sad: sentar, sentar-se próximo ao guru para receber instrução – que são escrituras hindus que fazem parte dos Vedas – junto do *Rigveda*, *Yajurveda*, *Samaveda*, *Atharvaveda*, *Brahmana* e *Aranyaka*. As mais antigas dessas escrituras vedas - *Brhadaranyaka* e *Chandogya Upanishads* – datam do período Brahmana, isto é, por volta de 500 a.C. e as mais antigas são do fim da Era Medieval e início da Era Moderna. Os Upanishads são: *Aitareya*, *Bṛhadāraṇyaka*, *Taittirīya*, *Kena*, *Īśa*, *Śvetāśvatara*, *Kaṭha*, *Muṇḍaka*, *Māṇḍūkya*, *Praśna* e *Chāndogya*. Ele são textos filosóficos que falam a ascese do espírito e da existência de um espírito universal, *Brahman*, que é transcendente, imanente, absoluto, infinito, a soma de tudo que-foi-que-é-que-será, e fala ainda de uma alma individual, *Atman*. Diferente de algumas escrituras monoteístas, *Brahman* não é um Deus no senso comum, pois suas características não possuem limites. O *Chāndogya* é um dos mais antigos *Upanishads* e faz parte – constitui oito dos dez capítulos – do *Chandogya Brahmana*.

Também há o *Manava-dharma-sastra- Lois de Manou*, um código hindu arcaico atribuídas ao primeiro manu, Svayambhuva, que teria vivido há 30 milhões anos. Dizem que ele teria escrito as leis de Brahman em 100 mil *slokas*, o que formou 24 livros e o teria passado adiante. Essas “leis” abrangeriam assuntos como: cosmogonia, sacramentos e iniciações, casamento e deveres segundo a classe social ou sexo, dietas, purificações, formas de sobrevivência, moral, leis judiciais, sobre castas, penitências, expiações, metempsicose e morte.

Dos chineses presentes, além do filósofo taoísta Lao Tzu,⁴⁸ (庄子 ; 莊子) que teve seus pensamentos recolhidos em *Musings of Chinese Mystic* e que teria vivido na China do século IV d.C., encontramos o famoso filósofo chinês, Confúcio (孔夫子, 551 d.C.- 479 d.C.) que usa como base de sua filosofia os

⁴⁸ Acredita-se que sua filosofia tenha influenciado o desenvolvimento do Budismo Chan e do Zen Budismo.

princípios de moralidade, relações sociais corretas, justiça e sinceridade. Sempre se apresentando como aquele que transmite, e não o que inventa ou cria, ele vai mostrando sobre a importância do estudo e, ao invés de criar teorias novas, queria disciplinar e pensar profundamente sobre o mundo e si mesmo. Também acreditava em mostrar a auto-cultivação baseada em exemplos morais oriundos de julgamentos e não de regras. Um exemplo: Um dia, voltando da Corte, Confúncio recebe a notícia que seus estábulos haviam pegado fogo. Ao invés de perguntar sobre os cavalos, a sua primeira pergunta foi: “Alguém se feriu?” Apesar de Confúncio ser visto pelos chineses através de uma lente religiosa, seus escritos não falavam muito sobre religião e misticismo. Ele podia até escrever sobre divindades, mas não analisava a natureza da alma.

Na biblioteca rosiana é difícil encontrar os filósofos árabes. O mais próximo seria Omar Khayyám e seu livro *Rubáiyat*, uma coleção de poesias que possuem, segundo alguns, sinais de misticismo, ateísmo e ortodoxia islâmica. Há também duas versões – uma francesa e outra chilena - do *Alcorão*, que é considerado pelos mulçumanos a palavra literal de Alá revelada a Maomé.